

*... uma alma que se eleva,
eleva consigo o mundo.*

Elisabeth Leseur

*A matéria da santidade não é matéria rara,
um mármore Carrara difícil de encontrar;
não, bastam as pedras que deparamos no caminho;
mas é preciso ultrapassar o jogo das causas segundas
e descobrir Deus para além destas.*

Cardeal L.-J. Suenens

Dedico a Renata, a Bento José, a Lucas e a Luísa,
para quem eu sou ora Cireneu, ora a cruz.
Queria ser mais parecido com São José, mas estou longe disso.
Mas saibam todos: amo-os na minha gritante imperfeição.

Em memória do
meu pai, Rui de Assunção,
que me mostrou quanto Deus pode agir
num coração que se abre para Ele.

INTRODUÇÃO

Acordar cedo. Preparar o café. Colocar o uniforme nas crianças para irem à escola. Ir para o trabalho, enfrentando o trânsito nosso de cada dia. Registrar o ponto. Inundar-se em papéis ou pilhas de louças e roupas, meter a cara na tela do computador ou fixar-se num balcão de loja, sob a pressão de ter que cumprir metas e prazos. E, no fim do dia, voltar cansado para a casa. Ali, os filhos esperam para brincar... Uma missão exigente, mas um verdadeiro consolo: um sinal de liberdade que nos arranca das engrenagens do trabalho, para nos lançar no universo do lúdico. E depois que as crianças estão na cama, no fim de um dia “corrido”, é preciso deixar a casa em ordem, colocar alguma leitura em dia ou preparar tudo o que é necessário para o trabalho do dia seguinte.

O que mais o cristão consciente deseja é realizar o que a hora canônica das *Completas* coloca em nossos lábios: “Nossa mente vigie com o Cristo; nosso corpo repouse em sua paz”. Mas isso não é sempre possível. Eu mesmo vejo que, muitas vezes, minhas preces noturnas não passam de um sonolento balbucio de algumas orações e fórmulas aprendidas na infância.

A rotina descrita acima – verdadeira “rodinha” que gira sem parar dia e noite –, feita de alegrias e esperanças, de

tristezas e angústias,¹ não deixa muito espaço para oração, para algo que se assemelhe à meditação ou à contemplação. O próprio Paulo VI, apenas quatro anos depois do encerramento do Vaticano II, em 9 de julho de 1969, falava que o homem moderno, sempre muito atarefado, vê-se “atacado de uma febre que penetra até no santuário e na solidão”. Todos estão ocupados demais com jornais, revistas, encontros diversos, dizia o Papa Montini (poderíamos acrescentar também: com as redes sociais). Por isso, o Papa da modernidade completava: “Devemos confessar ser mais difícil que outrora encontrar recolhimento onde possa a alma ocupar-se totalmente de Deus”.² Creio que ninguém pretenda negá-lo.

Este é o primeiro e o mais básico desafio para todo aquele que quer “ter espiritualidade”: encontrar tempo, conseguir recolher-se, a fim de rezar verdadeiramente. Não é à toa que o teólogo ítalo-germânico Romano Guardini já advertia que é “um grande mistério, o fato de que o homem viva de Deus e, no entanto, tenha tanto trabalho para relacionar-se com Ele”.³

Comumente, um leigo não busca ou encontra o Senhor nas ermidas, nos altos montes. Isso só acontece excepcionalmente, como em uma peregrinação ou em um retiro. O monte Tabor não é a habitação diária do leigo; o Altíssimo deve ser encontrado também nas planícies. O que lhe corresponde é a Jerusalém agitada do dia da Páscoa ou da Festa das Tendas. E o que lhe cabe é descobrir a paz e o brilho da transfiguração e da ressurreição no meio da azáfama do comércio, das ruelas estreitas e apinhadas de

¹ Alusão ao CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et spes*, n. 1.

² PAULO VI. *Oração hoje*, p. 190.

³ GUARDINI, R. *Introdução à oração*, p. 22.

gente que caracteriza as muitas cidades impermanentes (cf. Hb 13,14) e frenéticas em que se deve viver. E é justamente aí, no meio do mundo, que deve encontrar Deus, a fim de comunicá-lo aos outros.

Lançar um olhar espiritual sobre a vida

Mas se mergulharmos um pouco mais nas autênticas exigências de uma espiritualidade laical, que está longe de se reduzir a poucos minutos diários de oração, devemos tomar consciência de que não precisamos apenas de momentos de espiritualidade, mas de uma *vida espiritual*, na qual alguns instantes fragmentários de prece se enquadram perfeitamente dentro de um harmonioso mosaico existencial, o qual faz tudo ganhar sentido e, portanto, valor e beleza.

Por isso, devemos ir além. As exigências para que alcancemos uma vida espiritual são maiores do que podemos pensar; mas são igualmente mais recompensadoras, pois a existência toda, desde a luta mais básica pela subsistência material e econômica até a mais profunda – e até filosófica – busca pela satisfação do anseio existencial por plenitude, vê-se colocada no grande fluxo da “economia de salvação”, do agir de Deus na história que dispõe de todos os modos para que os frutos de sua redenção nos alcancem. A necessidade de oração deve ser o alimento para que se viva esta compreensão mais ampla, mais total da vida diária do cristão: rezar a vida ajuda a viver o que é dito na oração. Se ao fim deste livro a consciência adquirida for esta, ele terá servido ao seu propósito.

Permita-me, leitor, algumas notas pessoais que servirão para ilustrar a importância do assunto de que me ocupo aqui.

Enquanto escrevo estas linhas, sou interrompido inúmeras vezes por meus filhos pequenos. Cada linha escrita nestas páginas ganha um ponto e vírgula que a própria vida coloca: preciso me levantar para ligar ou desligar a televisão; a cada nova intuição, uma nova xícara de café com leite para servir; preciso trocar os livros de teologia pelos materiais didáticos que ensinam cores e tamanhos das coisas. O caminho do pensamento é atravessado pela vida brusca, resoluta – teimosa, posso dizer – em arrancar-me dos castelos de marfim que a mera erudição constrói; a teologia é tirada de seu confinamento na abstração pela casa ruidosa e cheia de exigências concretas e imediatas. Assim, tenho aprendido que não basta ter e falar de belos conceitos teológicos se a louça da própria casa continua suja.

As obras que dão base a este opúsculo são objeto de desejo de uma criança de um ano de idade que amo e chamo de Luísa: enquanto o pai dela as deseja literariamente, como fonte, como base, a pequenina de seis dentes apenas quer devorá-las também. Mas, nesse caso, literalmente.

Assim, nasce a escrita de um livro meditado, mas antes experienciado, curtido no cotidiano comum de um homem comum. Mas ele rebenta com uma pretensão transcendente: é um exercício pessoal – que proponho desde já ao leitor – de treinar o olhar para fazer uma leitura no Espírito desta vida, tão determinada pelos reclames da carne, da matéria... Antes de escrever, é preciso deixar a comida preparada, é preciso ganhar dinheiro para comprar roupas novas, é preciso trocar o carro, pois o atual já dá mais gastos em manutenção do que daria uma prestação de um novo. Por trás de tudo isso, está Deus mesmo e o seu chamado contínuo para cada um de nós.

Esta pesquisa me pôs, portanto, diante da crua e, ao

mesmo tempo, excelsa verdade de que a santidade não é uma meta que se busca *apesar* de tudo isso, mas precisamente *por meio* dessas exigências e desses pequenos horizontes diários.

A vida de um leigo tem tudo o que está descrito acima e muitíssimo mais, variações infinitas, mas isso é apenas uma das suas camadas. É a epiderme. Contudo, nisso reside também uma beleza única: mesmo em meio àquilo que é, na aparência, pesado e exigente, há uma grandeza que a “olhos nus” não percebemos. Explico-me: falei da obrigação de fazer a comida, mas quantas não foram as vezes que um dos meus filhos pequenos – Bento José ou Lucas – me pediu: “Pai, posso ajudar o senhor a fazer comida?”. Ou se tenho que trocar o carro é porque fomos mais uma vez abençoados com mais um filho que, sem dúvidas, tirará a paz da casa para enchê-la de alegria.

Assim, apesar dos meus pecados, a partir de uma leitura espiritual do meu cotidiano tenho tentado cantar uma *Aleluia* para cada pedacinho de cheiro-verde que meus filhos cortam enquanto eu piloto o fogão e minha esposa, Renata, amamenta a nossa pequenina. Tento fazê-lo mesmo quando tenho que refrear minha inclinação mais profunda para a pesquisa e a escrita para me converter no personagem descrito na música “Carimbador Maluco” de Raul Seixas. Entre os ofícios que tenho que redigir, assinar e carimbar vivo o meu *officium* de ser professor, gestor e líder. E quanta riqueza há nisso tudo! Em cada fragmento de tempo aparentemente perdido com coisas pequenas está o início da eternidade; em cada sinal de cansaço está escondida a restauração de todas as forças e de todo o vigor, próprios da vida ressuscitada; em cada novo problema resolvido está a dinâmica da graça em ação, que tudo move e tudo leva à perfeição.

E o que digo neste início não é um tipo barato de “autoajuda católica”. É a visão que a fé nos oferece e embasa uma verdadeira espiritualidade dos leigos, ou seja, cristã e plenamente eclesial. Chegar a ela é a meta última destas linhas.

Por uma espiritualidade dos leigos

O Ano do Laicato (26 de novembro de 2017 a 25 de novembro de 2018), promovido pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), deu azo à produção de uma literatura mais numerosa e variada sobre o papel dos leigos na Igreja, em geral, recordando aquilo que deveria ser já evidente nos meios eclesiais: que a vocação laical está fundada nos sacramentos de iniciação do batismo e da crisma; e que os leigos têm uma missão, um apostolado que deve ir para duas direções: *ad intra*, dentro da Igreja, colaborando ativamente com os ministros ordenados e, por outro – sobretudo! –, *ad extra*, empenhando-se no mundo, nos âmbitos diversos da sociedade, como nos campos do trabalho, da economia, da cultura e, é claro, da própria família.

Neste período, senti falta, de modo particular, de uma reflexão teológica mais ampla sobre o tema da espiritualidade dos leigos. Afinal, a sua vocação e a sua missão dependem dela para a sua plena realização. E a questão que persiste é precisamente se existe ou não uma espiritualidade *própria, específica* dos leigos.⁴ Para o Magistério da Igreja, sim, como veremos mais adiante.

⁴ Recentemente, Maria Clara L. Bingemer questionava se devia-se falar de uma espiritualidade *cristã* ao invés de uma laical, advogando que se falasse da primeira preferencialmente (cf. BINGEMER, M. C. L. *A identidade crística*, p. 59).

Uma nova relação com o mundo

Na década de 1950, Yves Congar, o grande teólogo dominicano e um dos expoentes da teologia do laicato do século XX, já advertia que

[...] não há senão um cristianismo e a obrigação de tender à união com Deus em Cristo, portanto à santidade, longe de ser um privilégio oneroso dos padres e dos religiosos, impõe-se a todos os cristãos a título desse único cristianismo que lhes é comum. Entretanto, as vocações são diversas, diversas as situações e as condições de vida, diversos os deveres concretos e os estados. De maneira que é, ao mesmo tempo, verdade dizer que não há uma espiritualidade própria dos leigos, porque eles não têm outra além da espiritualidade comum, e que há uma espiritualidade da vida leiga em confronto com a espiritualidade da vida sacerdotal ou da vida religiosa...⁵

Desse modo, acrescentava que “não há senão uma ‘espiritualidade’ do cristão na rota do mundo”.⁶

Congar, anos depois, já na década de 1980, dentro de sua conceituação de quem é o “leigo”, mostrava os anseios do laicato contemporâneo, comparando-os com a perspectiva dos primeiros cristãos: para ele, há

[...] uma diferença profunda entre a Igreja dos mártires e a da era atômica: os primeiros cristãos não se interessavam pelo mundo terrestre, o seu sentido escatológico era de tipo monástico: “Que este mundo passe e venha a graça” (Didaqué 10,6). Os cristãos de hoje consideram a escatologia como aquilo que dá sentido a uma história

⁵ CONGAR, Y. *Os leigos na Igreja*, p. 586-587.

⁶ *Ibidem*, p. 587.

que tem agora dimensões cósmicas. Eles desejam ser leais também com o mundo e esforçam-se para compreender, assumir e julgar a obra terrestre em relação com a soberania de Cristo e com a meta para a qual Deus encaminha, através da redenção e do ministério da Igreja, a sua criação. Eles creem, ou antes constatam, que muitas vezes a ação da Igreja, para levar Cristo ao mundo, não pode mais contentar-se em constituir-se “quadros” católicos autossuficientes, dirigidos diretamente pela Igreja e pela sua autoridade...⁷

Ou seja, uma nova relação com o mundo está na base dessa espiritualidade laical contemporânea. Não como negação da herança primitiva da Igreja, mas como uma necessária adaptação a um novo tempo, aos sinais dos tempos, para que a mensagem de Cristo não seja retida nas sacristias, mas que se espraie pelo mundo, santificando-o, transformando-o por dentro, a partir da transformação interior que é proposta a cada cristão. Por isso, Congar concluía: “O laicato da Igreja reconstitui-se hoje como evangélico e missionário, desejoso de uma espiritualidade que responda à sua consciência e às suas necessidades, que não seja um subproduto da espiritualidade monástica, nem uma fórmula de vida cristã genérica, mas antes a expressão de uma vida plena, vida de fé e de amor, no mundo dos homens, a serviço dos homens”.⁸

O teólogo francês – e, depois, cardeal – alude a uma preocupação que se fará muito presente nos debates conciliares: que os leigos desenvolvessem uma espiritualidade própria, que não fosse um arremedo da espiritualidade

⁷ *Idem*. “Leigo”, p. 135.

⁸ *Ibidem*.

monástica.⁹ Também Antonio Barruffo recordava que a Igreja do Vaticano II queria que não fosse ela apenas uma redução da espiritualidade do clero, que, por sua vez, era uma redução da monástica.¹⁰ Ou seja, a síntese da síntese de exigências mais altas.

O problema é que por muito tempo, sobretudo a partir da era constantiniana, surge uma nova dialética.¹¹ Os leigos foram considerados *carnais*, enquanto os clérigos, sobretudo os monges, como *espirituais*.¹² Os leigos, desse ponto de vista, não tinham uma vida que favorecesse claramente uma religiosidade próxima dos grandes ideais

⁹ José María Iraburu, teólogo espanhol, critica o acento exagerado nessa busca de uma distinção entre a espiritualidade laical e a monástica, que chegou, muitas vezes, a uma contraposição (cf. *De Cristo o del mundo*, p. 109), distanciando os leigos de grandes modelos de santidade advindos deste meio. Em outro texto, o autor defende uma profunda semelhança entre as duas formas de espiritualidade (cf. *Caminos laicales de perfección*).

¹⁰ Cf. BARRUFFO, A. "Leigo", p. 658. Estamos falando, particularmente, do Ocidente cristão. O Oriente mantém, até hoje, uma relação estreitíssima entre a espiritualidade monacal e a leiga.

¹¹ Cf. FORTE, B. *A missão dos leigos*, p. 30.

¹² Cf. MARTÍNEZ, R. B. *Ser laico en la Iglesia y en el mundo*, p. 27-28; BULTOT, R. "Teologia das realidades terrestres e espiritualidade do laicado", p. 43. Segundo este último autor, o leigo era considerado cristão de segunda categoria porque, muito tardiamente, se tomou consciência do sentido simbólico ou religioso da criação (cf. p. 39). Ele ressalta a influência do dualismo platônico por trás de oposições entre carne e espírito na teologia dos primeiros séculos, ou, em outras palavras, tal concepção tem por trás de si uma "antropologia mais ou menos platônica" (p. 43-44). Mas contra essa tendência, ele ressalta o liame entre o papel do leigo e a criação: "Imerso pelo seu estado de vida na própria estrutura da criação, o leigo possui com ela o comércio mais íntimo e encontra-se diretamente em contato com o seu significado intrínseco. Pelo casamento, pela investigação científica, pela ação política e social, pelas empresas econômicas, pelas criações técnicas e artísticas, *ele participa do próprio mistério da natureza humana e do mundo*" (p. 47). Daí "surge a função teológica do leigo, por si mesmo intérprete da criação: pela sua participação imediata no mistério daquela, o leigo é 'desvelador' da verdade natural através dos tempos. Fulcro da relação da Igreja e do mundo, desempenha, pelo próprio exercício da sua humanidade, uma função essencial à missão da Igreja" (p. 49). E sintetizava: "Na Igreja, o leigo não recebe apenas: ele também contribui e irradia, porque é ele quem decifra a criação e quem faz da história desta a história duma salvação sem alienações. Desta função central na economia divina deve decorrer toda a sua espiritualidade" (p. 50).

de perfeição cristã.

Jan Grootaers recorda, por exemplo, que entre os séculos XIII e XVII as ordens religiosas se consideravam “as únicas especialistas em caminhos de santidade”,¹³ postura contra a qual se opõe, por exemplo, o grande São Francisco de Sales. Por isso, é realmente extraordinário que hoje falemos de uma espiritualidade laical que englobe os âmbitos “carnais”, como a sexualidade, como veremos.

Evidentemente, os monges e os religiosos continuarão como grandes mestres espirituais para toda a Igreja,¹⁴ dando o exemplo de ascese na oração perene e no trabalho disciplinado, e também na relação harmônica com a criação. Os mosteiros não são apenas oásis de paz, mas também modelos de uma cidade que não se acaba, a Jerusalém celeste. A seu modo, os monges são “anjos”. Os mosteiros serão sempre meta de peregrinação de leigos, sacerdotes e religiosos, que aprenderão ali a viver de acordo com o *Quaerere Deum*¹⁵ que ajudou a fundar a civilização ocidental.

Todos ainda beberão das fontes da espiritualidade religiosa e monástica. Este é um tesouro inesgotável que seguirá enriquecendo a Igreja e, sobretudo, muitíssimos movimentos, associações, Ordens terceiras laicais. Mas ainda assim urge, para o laicato, o cultivo de uma vida espiritual adequada ao seu estado. Na verdade, na Igreja isso é um direito.¹⁶ Pois, se são variados os modos e as con-

¹³ GROOTAERS, J. “O leigo na Igreja Católica Romana”, p. 174.

¹⁴ Prova desse interesse na guia espiritual dos monges está no grande número de publicações sobre a sua espiritualidade, tal como a que encontramos em Anselm Grün. Uma das suas obras de grande trânsito entre os leigos é *O céu começa em você*.

¹⁵ Cf. BENTO XVI. *Discurso. Encontro com o mundo da cultura no Collège des Bernardins*, 12 de setembro de 2008.

¹⁶ O *Código de Direito Canônico* preceitua que o leigo tem o direito de seguir a sua